



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Juca de Oliveira, um artista e cidadão

Lamentar a morte do ator, produtor e dramaturgo Juca de Oliveira se torna lugar comum e boa parte da mídia o fez, nestes últimos dias, desde o 21 de março passado. Ele quase chegou aos 90 anos de idade - mas o mais importante a se registrar, nesta coluna, é o seu papel e a sua importância no teatro brasileiro.

José Juca de Oliveira Santos começou a trabalhar desde os 12 anos, sendo sapateiro, auxiliar de farmácia, marceneiro, padeiro, motorista de caminhão, funcionário público e redator de publicidade. Estudou Direito, na USP, sem concluir o curso. Em 1958 ingressou na EAD - Escola de Arte Dramática da USP; três anos depois estreava em *A semente*, de Gianfrancesco Guarnieri, sob a direção de Flávio Rangel. No mesmo ano de 1961 interpretou o filho mais sonhador e idealizador do principal personagem (Willy) de *A morte do caixeiro viajante*, de Arthur Miller, ainda sob a direção de Flávio Rangel, e ganhava o prêmio Saci de melhor ator coadjuvante.

Juca de Oliveira escolheu não apenas uma carreira quanto uma militância. Ele se tornou um dos atores mais politizados e mais representativos da cultura brasileira, através dos personagens que viveu ao longo das décadas e culminando na dramaturgia por ele criada a partir de 1978, com *Baixa sociedade*.

Juca, natural da cidade interiorana de São Roque, assumiu plenamente suas raízes de caipira e carcamano, acrescentando, com o passar do tempo, a paisagem urbano-industrial, sempre sob uma perspectiva crítica, produzindo algumas das análises mais certeiras sobre os desvios da sociedade brasileira - quer em relação aos preconceitos raciais e sociais, quer à perda de valores morais e tradicionais familiares, quer, enfim, à corrupção que foi invadindo e se instalando em nossos meios industriais, comerciais e político-institucionais. Este olhar crítico, contudo, sempre foi traduzido por um viés da comédia inteligente e irônica. Daí o seu sucesso e a sua comunicabilidade:

de: mesmo aplicando um espelho frente à plateia que o assiste, ele brinca com as situações, de modo a tornar toleráveis as cenas que apresenta, com fidelidade absoluta e contundente, mas sem agredir ninguém. Como já defenderam aqueles primeiros comediógrafos, como Beaumarchais, seus textos mostram a culpa sem marginalizar os culpados, porque os desvios sociais e éticos abordados resultam não de falhas individuais e pessoais, mas sociais, da estrutura social em que se vive.

Alternando textos de dramaturgos internacionais com uma atenção especial à produção dramática nacional, como *O filho do cão*, de Guarnieri, *Um edifício chamado 200*, de Paulo Pontes, e *Corpo a corpo*, de Oduvaldo Viana Filho - o que culminaria na participação de filmes de longa metragem como *O caso dos Irmãos Naves* (Luiz Sergio Person, 1966) ou *A flor da pele*, de Francisco Ramalho Jr. (1975) - foi uma evolução coerente o surgimento de sua dramaturgia, a partir de *Baixa sociedade* (1978), *Meno male!* (1987), *Caixa dois* (1997) e *As favas com os escrupulos* (2007). Certamente, se tivesse oportunidade, Juca de Oliveira estaria escrevendo algo a partir dos acontecimentos recentes, que envolvem o Banco Master e ministros do STF, além e deputados federais e senadores da República...

Mais que isso, Juca de Oliveira também teve militância sindical importante, o que evidencia ainda mais sua coerência. Entre 1968 a 1976 (quase dez difíceis anos, graças à ditadura) ele foi Presidente do Sindicato de Atores de São Paulo. Ou seja, nunca negou nem suas raízes, nem seus compromissos sociais, e por isso, tinha o respeito e o carinho da classe teatral do País inteiro.

Tive a oportunidade de me encontrar com Juca de Oliveira - eu repórter, ele ator - várias vezes. Guardo dele lembranças de admiração e de simpatia: falava simples, assim como escrevia. Tratava a todos de igual para igual, sem se isolar em torres de castelos. Neste sentido, não perdemos só um artista: perdemos um grande cidadão.

Juca de Oliveira nunca negou nem suas raízes, nem seus compromissos sociais, tendo o respeito de toda a classe artística

Lima Duarte comemora 96 anos com festa e vídeo

O ator Lima Duarte completou 96 anos no último dia 29, e comemorou seu aniversário com uma festa em família em um sítio no interior de São Paulo. Em seu perfil no Instagram, o artista compartilhou detalhes e fotos do evento, com direito a camisetas personalizadas e diferentes doces e bolos.

O que mais chamou atenção dos fãs do ator, no entanto, foi um vídeo publicado nas redes sociais de Duarte. Nele, o artista fala sobre seu envelhecimento e agradece pela sorte de "se manter lúcido".

No início da publicação, é possível ver imagens geradas por Inteligência Artificial em que Lima aparece comemorando 100 anos de idade. "Eu tenho visto por aí imagens minhas completando 100 anos, é uma tal de Inteligência Artificial. Eu já não consigo mais acompanhar os avanços da tecnologia como antes", afirmou o ator, desta vez sem o uso da tecnologia.

"Eu ainda não cheguei aos 100 anos, estou fazendo 96 anos", continuou. "Eu não estou ansioso para o meu centenário. Eu quero viver o mais devagar possível. Ao longo dos anos eu falei com muita gente sobre a minha trajetória, dos meus personagens, filmes, novelas em que atuei. Conteí várias histórias... mas desta vez eu quero falar sobre o presente, sobre quem eu sou agora: um velho Lima Duarte", afirmou.

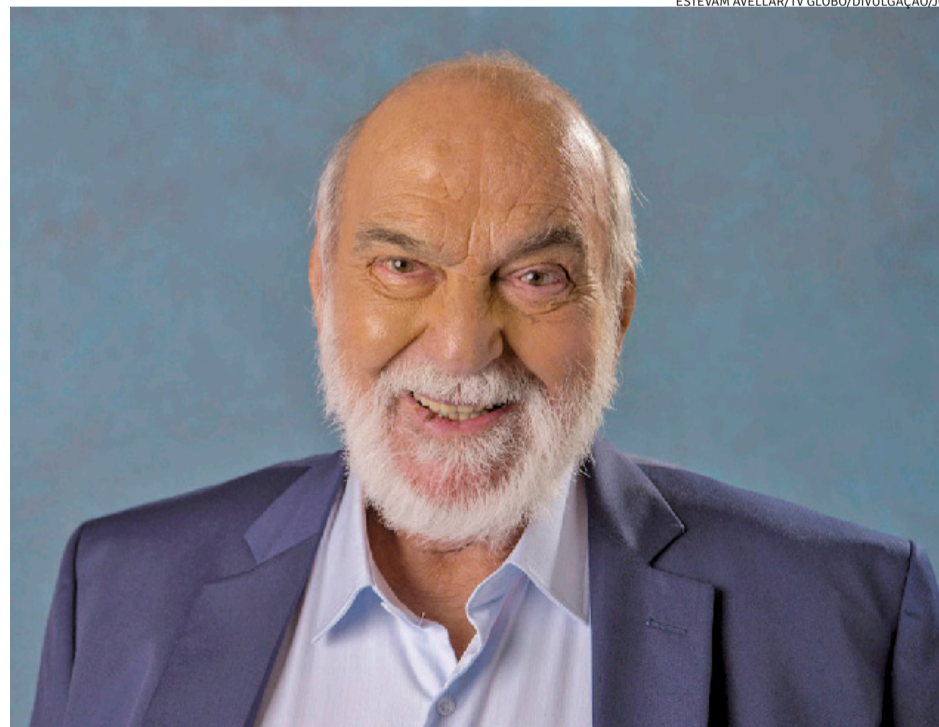
Para o ator, envelhecer com lucidez é um privilégio. "A vida me deu escolhas e só agora eu consigo ver com clareza quais escolhas eu fiz que me levaram a viver tudo o que eu vivi. Uma dessas escolhas foi ser ator. Um trabalho incrível, que me mostrou o mundo", pontuou.

O artista, no entanto, diz que sua vida não se resumiu somente ao trabalho. "Eu também vivi fora dos holofotes, experimentei grandes alegrias, tristezas profundas, tive medos enormes, e coragem ainda maior do que os medos. Mas foram os amores que me transformaram. Eu tive a felicidade enorme de amar e ser amado", disse.

Para Duarte, "envelhecer lúcido é poder ter a experiência humana completa". "É viver todas as fases da vida do começo ao fim, ser um ponto de vista que testemunhou ciclos e mudanças. Um ser que se adaptou a diferentes mundos por mais de nove décadas. Que sorte a minha ter saúde, lucidez, para agradecer a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada", contou o ator.

Por fim, o artista agradeceu o carinho do público ao longo das últimas décadas e brincou, dizendo que espera estar vivo para completar 100 anos em 2030 e assistir ao Brasil ser campeão da Copa do Mundo mais uma vez. "Que festa seria essa, hein? Que a sorte da lucidez nos acompanhe até lá", finalizou o ator.

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC



"Envelhecer lúcido é poder ter a experiência humana completa", celebra o ator